

Sobre a comunicação na América Latina: modernização apropriada*

Uma análise a partir das revistas *Carta Capital* e *Veja*



Maria Lucia de Paiva Jacobini

Mestre com bolsa CNPq e doutoranda do curso
de Comunicação e Semiótica (PUC-SP)
Especialista em Jornalismo Científico (Unicamp)
E-mail: mlpjacobini@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo analisa as revistas *Carta Capital* e *Veja* entre o período de 1996 e 1998 para discutir a relação entre a comunicação na América Latina e os processos de modernização simbolizados pela importação de tecnologias como parte da tentativa de aproximação do ideal estrangeiro de progresso. Partindo do pressuposto de que a comunicação no continente precisa ser observada dentro das especificidades de sua formação é possível compor um perfil das revistas sobre os temas da modernização, progresso, ênfase na tecnologia e exaltação da cultura estrangeira.
Palavras-chave: comunicação, modernização, tecnologia, *Carta Capital*, *Veja*.

Acerca de la comunicación en América Latina: modernización adaptada

Resumen: Este artículo examina la revista *Carta Capital* y *Veja* en el período comprendido entre 1996 y 1998 para examinar la relación entre la comunicación en América Latina y los procesos de modernización, simbolizados por la importación de tecnología como parte de un intento de aproximar el ideal de progreso del extranjero. Asumiendo que la comunicación en el continente debe ser visto dentro de las características específicas de su formación, puede componer un perfil de las revistas sobre los temas de la modernización, el progreso, la tecnología y centrarse en la exaltación de la cultura extranjera.

Palabras clave: comunicación, modernización, tecnología, *Carta Capital*, *Veja*.

About communication in Latin America: adapted modernization

Abstract: This article examines *Carta Capital* and *Veja* magazines between the years 1996 and 1998 to discuss the relationship between communication in Latin America and the processes of modernization, symbolized by the import of technology as part of an attempt to approximate the ideal of foreign progress. Assuming that the communication on the continent must be seen within the specifics of its formation, it is possible to compose a profile of the magazines on the themes of modernization, progress, technology and focus on the exaltation of foreign culture.

Key words: communication, modernization, technology, *Carta Capital*, *Veja*.

A partir da ideia de Santos (2001; 2006) sobre a América Latina como uma alternativa para o paradigma da ciência moderna ocidental, é interessante pensar como a América Latina, e o Brasil especificamente, traçou seu processo de modernização. Aqui cabe perguntar então qual o impacto sobre a formação dos meios de comunicação no continente e, principalmente, quais as características sobre a ênfase na busca tecnológica.

Assumindo a premissa de Gruzinski de que o contexto histórico da América Latina cria uma realidade diferente, como uma junção inconsciente de culturas e elementos ao longo do tempo, é importante focar nas diferenças e especificidades do continente que não poderiam ser descritas ou analisadas pela mencionada ciência moderna ocidental. É interessante pensar, segundo o autor, que há uma constante ativação de memórias que orientam e sugerem relações, produzindo uma heterogeneidade que não se encaixa nas classificações importadas, prontas *a priori* e por consequência unificadoras. É como ele explica: “a mistura leva ao oposto da uniformização” (2001:223).

* Este artigo representa um recorte na dissertação de mestrado “A Construção da Memória do Desenvolvimento Socioeconômico nas Revistas *Carta Capital* e *Veja*”, defendida na PUC-SP em maio de 2009.

Desta forma, o objetivo deste artigo é, a partir da base teórica sobre a comunicação na América Latina e as contradições do processo de modernização dentro da ideia de heterogeneidade cultural, fazer uma análise da postura das revistas *Carta Capital* e *Veja*. A primeira na sua tentativa de formar um jornalismo crítico, capaz de questionar os padrões culturais exógenos em comparação com a última, significativo exemplo de meio de comunicação de amplo alcance, e sua capacidade de colaborar para a comunicação brasileira a partir de critérios externos de países desenvolvidos e seus padrões de sociedade, incentivando a exaltação do estrangeiro, modernização tecnológica e, principalmente, possibilidade de modernização e progresso, sem levar em conta as peculiaridades histórico-sociais do país.

O processo de comunicação a adaptação da modernização estrangeira

Canclini (2008) define modernidade como uma etapa histórica, construída pela modernização de um processo socioeconômico através dos projetos culturais do modernismo. Interessa-nos ver de que forma sua proposta sobre como na crise da modernidade ocidental, sugerida por Santos (2001) e da qual a América Latina faz parte, são transformadas as relações entre tradição, modernismo cultural e modernização socioeconômica. Ou seja, discutir os vínculos entre os três termos e as dúvidas de se a América Latina é ou não um continente moderno, dentro dos moldes do paradigma ocidental ou dotado de características que o diferenciam de tal modelo e criam um novo, particular.

O objetivo do autor é significativo por tentar conectar as mudanças na modernização, seu impacto sobre o que se entende por modernidade e a concepção da América Latina como “articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento” (2008:28).

Ao estudar o caso brasileiro, Martín-Barbero (1997) interpreta sua modernidade como muitas vezes baseada na contínua tradução da matéria-prima nacional em manifestações que pudessem ser reconhecidas no exterior. Enquanto, de outro lado, a economia política foi baseada no movimento contrário, a partir de um modelo de interiorização do paradigma e das exigências provenientes do exterior, sem considerar seu impacto direto sobre as condições socioeconômicas internas.

Canclini faz uma crítica significativa às posições que descrevem a modernidade da América Latina como mal-realizada e tardia, uma espécie de cópia danificada das imagens otimizadas do que aconteceu nos países centrais, criadores dos paradigmas iniciais. Segundo o autor, “é necessário rever, primeiro, se existem tantas diferenças entre a modernização européia e a nossa” (2008:71) para depois avançar numa visão de modernidade do continente e analisá-la como atrasada ou não.

Pinheiro, por sua vez, observa no continente latino-americano uma “efervescência de heterogeneidades simultâneas e contíguas, não dependentes diretamente de um centro ou substancia unidirecionais” (2004). Com isso, todas as noções da modernidade ocidental são descartadas através do caráter de excessivas combinações e contaminações entre códigos e linguagens.

Caracterizando a América Latina como uma cultura que abriga um grande (e crescente) número de outras culturas, entende que há uma necessidade de acelerar a sobreposição entre seus códigos e séries, formando uma complexidade de combinações. O resultado seria de quase diluição das fronteiras entre o centro e a periferia, com total mobilidade de “mosaicos em trânsito aos espaços e textos, anterior e juntamente aos variados e irregulares processos de modernização” (Pinheiro, 2004).

Na mesma linha, Rotker descreve a modernidade como o início da industrialização e consolidação dos estados mais fortes e burocráticos. Pensa num período em que

se formava um novo ambiente, que apostava no progresso como representação do futuro e das possibilidades de mudança:

ferrocarriles, máquinas a vapor, fábricas, telégrafos, periódicos diários, telefones, descubrimientos científicos (...) Ser moderno – en términos occidentales – era también el optimismo tecnológico donde el hombre, como diseñador, mejoraría el mundo material; la sociedad podría alcanzar la mejor de las utopías gracias a los ideales de eficiencia. Era, en suma, introducirse en las leyes del mercado, salir de los regionalismos hacia visiones transcontinentales, enfrentar la instauración del hombre como ‘animal laborans’ y la mundanización (1992:29)

Como origem desse processo, o contexto entre 1920-1930 foi marcado pelo crescimento do fluxo de informações, variação das classes sociais, aumento da população e urbanização. Mas, enquanto isso, a política industrial resumia-se à exportação de matérias-primas e importação de manufaturados (Rotker, 1992).

Lopes (2005:23-25) diagnostica nesse período um importante papel dos meios de comunicação de massa, incentivando a migração e adesão ao estilo de vida urbano enquanto padrão de vida mais elevado. Tudo isso acompanhado da política populista do Estado, em busca da formação de uma Nação: conversão das massas em povo, e do povo em Nação. A mesma autora então diagnostica que a grande participação do capital estrangeiro com suas articulações nas questões econômicas, políticas e culturais contribuiu para aumentar a dependência dos países periféricos, com consequências para o setor da cultura.

Os países latino-americanos foram, dessa forma, contagiados pelo novo espírito da modernidade, com suas novas noções de progresso, cosmopolitismo, abundância e desejo pela novidade. Surgiu o interesse pelos adventos tecnológicos e novos sistemas de comunicação numa nova lógica de consumo de acordo com as leis de mercado (Rotker, 1992).

Especificidades e contradições da comunicação na América Latina

Tal como Santos, Martín-Barbero (2003) acredita que podem existir modelos alternativos de comunicação, que convergem para o reconhecimento da competência comunicativa das comunidades e para sua natureza transnacional. Ou seja, ela depende, na realidade, da capacidade de apropriação e ativação

Para Martín-Barbero, o foco deve estar nas mediações, pois sem a presença delas a história ficaria reduzida a um relato que exclui o espaço cultural

da competência cultural das comunidades e não da quantidade de informação disponível, como pregam as teorias informacionais.

Contrariamente à história tradicional dos meios de comunicação, sua opinião é de que o foco deve estar nas mediações, pois sem a presença delas a história ficaria reduzida a um relato que exclui o espaço cultural. A introdução da mediação significaria, portanto, dar importância para o lugar onde se articula o sentido que os processos econômicos e políticos têm para a sociedade (Martín-Barbero, 1997).

A expressão de que “tudo é comunicação” do final do século XX resume o fato de que grandes decisões políticas, culturais e estratégicas precisam passar pelo campo da comunicação, como força catalizadora da investigação social. Avesa ao paradigma informacional e à tentativa de tornar a comunicação uma ciência, a ideia de que tudo é comunicação resume o ponto de vista de Martín-Barbero (2002) de que os modelos das teorias externas não são

capazes de dar conta dos processos sociais contraditórios latino-americanos.

Paralelamente a isso, Lopes (2005) acredita que em virtude da ambiguidade do conceito da comunicação, especialmente na América Latina, esta precisa ser investigada dentro dos contextos social, econômico, político e cultural que a envolvem.

Ao pensar a transnacionalização, Martín-Barbero (2002:148) sugere abandonar a concepção que reduz a comunicação a estratégias de imposição cultural que desconhecem o modo pelo qual funciona a hegemonia. Numa perspectiva otimista, destaca a reorga-

As novas tecnologias acabam por evidenciar o que não consegue ser simulado, que é a alteridade cultural que resiste à homogeneização generalizada



nização das identidades coletivas pela indústria cultural, com formas que produzem novas hibridações e acabam com as separações entre culto/popular, tradicional/moderno e reforça que há uma interação das mensagens hegemônicas com os códigos de cada povo, numa experiência diferenciada que entra em constante processo de recriação cultural. Assim, são formadas novas identidades, reconstituindo o sentido do nacional e do local.

Porém, a transnacionalização também pode ser pensada em termos de homogeneização, através dos dispositivos que entram com a racionalidade do projeto modernizador e deslocam partes do universo de cada cultura. Adverte para o fato de que as formas locais de produção são deslocadas das comunidades por aparelhos especializados, e formas de vida são remodeladas e substituídas por padrões estabelecidos de consumo (Martín-Barbero, 2002).

Entendendo a necessidade dos chamados modernistas por Rotker como parte do processo de transnacionalização, é possível entender a crítica de Martín-Barbero ao que a autora vê na tendência do internacionalismo de integrar o discurso cultural do ocidente com a nova realidade da América Latina, em busca de um futuro com uma cultura mais moderna. Segundo a autora, as ideias

tuvieran que ver con el tema del progreso, el deslumbramiento ante las nuevas fronteras del saber, la cultura de países industrializados y las capacidades prácticas del hombre; además, reflejaron el dolor de las transformaciones, un anhelo frustrado por recuperar el sabor de lo sublime y por crear nuevos espacios de condensación donde todo parecía fragmentado (1992:82).

Trata-se de uma posição que confirma a pluralidade latino-americana, identifica a ausência de um discurso hegemônico, substituído por uma pluralidade de discursos. Ou seja, a uniformização não é uma característica que faz parte da cultura latino-americana e brasileira e, desta forma, a transposição de um modelo externo não condiz com suas condições. Rotker (1992) conclui então que a ideia de modernização e o discurso que a constrói também devem ser condizentes com a sociedade à qual pertence.

A partir disso, o caminho aqui é pensar como se dá o deslumbramento diante das novas tecnologias e quais as contradições que cria no contexto latino-americano. Como discutido nos campos estratégicos do campo da comunicação, Martín-Barbero (2002) identifica nas novas tecnologias de comunicação um entrave pelo fato de que a tecnologia não é vista pela sociedade como um mero conjunto de meios para um fim, e sim como uma racionalidade prática.

Seu objetivo é criar uma forma de analisar esse novo modelo tecnológico de maneira a conseguir captar sua complexidade e com isso relativizando sua eficácia fetichista e mistificação. Ao mesmo tempo, também tem interesse em evidenciar as virtudes da transformação, as contradições geradas e as

possibilidades de ação e luta. Ainda mais no caso latino-americano, em que é possível tomar consciência do processo desde seu início, para enfrentá-lo já com algum preparo (Martín-Barbero, 2002).

Aqui é possível destacar o crescente papel da tecnologia. Não só a dos meios de comunicação propriamente (os meios em si, como aparelhos de rádio, televisão, internet, etc.) como também a dos produtos consumíveis que eles divulgam. O autor (1986) entende que a tecnologia é parte de um processo contínuo de busca pela aceleração da modernidade, o que na América Latina teve um profundo efeito de esquizofrenia entre a modernização pressionada pelos interesses transnacionais e possibilidade de apropriação e identificação cultural.

Isso se explica pelo fato de que há uma não contemporaneidade entre os produtos culturais consumidos e o lugar/espço social onde são consumidos. Ou seja, para Martín-Barbero (1986; 2002), as tecnologias são consumidas sem proximidade com seu contexto de produção.

Enquanto são produzidas nos países ricos são consumidas, cada vez com menor diferença de tempo, nos países mais pobres. Mas essa instantaneidade esconde a não contemporaneidade entre as tecnologias e seus usos, o que quer dizer que são consumidas, mas não podem ser referidas minimamente ao seu contexto de produção, causando não um salto qualitativo, mas uma máscara de modernização realizada pela pressão de interesses transnacionais em contraposição às possibilidades reais de apropriação e identificação cultural (Martín-Barbero, 1997; 2002).

Destaca dois problemas do surgimento das novas tecnologias no continente do ponto de vista da cultura: provocam uma “ficção de identidade” em que se apóia a cultura nacional, tanto pela racionalidade que materializam como pelo modo em que operam, além de criarem um “simulacro de racionalidade”, que levado ao extremo evidencia o que não é digerível pela homogeneização generalizada (Martín-Barbero, 1997).

Entretanto, é um aspecto que tem uma consequência otimista. As novas tecnologias acabam por evidenciar o que não consegue ser simulado, que é a alteridade cultural que resiste à homogeneização generalizada. Martín-Barbero (2002) destaca que tal resistência é representada, na América Latina, pelas culturas populares, que criam um espaço de conflito e dinâmica cultural profundos. Com isso, a não contemporaneidade pode não significar exatamente atraso, e sim outras formas de relações que precisam ser pensadas fora do paradigma estabelecido.

Contudo, apesar de tal aspecto otimista, o paradoxo é considerado como prejudicial à América Latina, porque através da memória eletrônica os povos locais renunciam a ter e a desenvolver suas próprias memórias. Isso porque “na alternativa entre atraso e modernidade a memória cultural não conta, não é informaticamente operativa, não sendo, portanto, aproveitável” (1997:254).

Para o pensador, há a “necessidade de olhar as tecnologias como prolongamento materializado da operação antropológica, que descobre a verdade da outra cultura que reside no que temos em comum, ou melhor, na verdade da diferença do outro, que é sempre o mesmo” (1986: 124). São exploradas as diferenças culturais, exibidas, mas desativadas da sua capacidade de conflito, com o outro reduzido a uma identidade reflexa e negativa, definida pelo que nos falta: a tecnologia mais nova e mais moderna.

E, seguindo esse pensamento, se não há tecnologia, também não há desenvolvimento. Martín-Barbero (1997) critica a versão dos órgãos multinacionais de que a comunicação pode ser medida em número de exemplares vendidos, quantidade de aparelhos de rádio, televisão e computadores, como se sem comunicação não existisse desenvolvimento.

Como um todo, enquanto a ideia de modernização tinha um sentido político, a de desenvolvimento fazia parte de um projeto exclusivamente econômico, que se traduz, como veremos adiante, por crescimento. Objetivo que deveria direcionar to-

das as estruturas da sociedade, o Estado e suas instituições, presente desde os anos 50 com o surgimento dos projetos desenvolvimentistas que responsabilizavam a pobreza da América Latina não pela falta de justiça social, mas pela falta de produção (Martín-Barbero, 2002).

● Uma análise a partir das revistas *Carta Capital* e *Veja*

O período de tempo escolhido para análise foi de dois anos entre 1996 e 1998, entendidos dentro de um contexto de relativa tranquilidade política e de ausência de fatos que ocupassem continuamente as reportagens, possibilitando assim uma maior abrangência de temas e análise de dados. Nota-se especialmente que, nesse período de já estabilidade do Plano Real, deu-se grande importância à abertura da economia e importação de novos e recentes produtos de alta tecnologia e incentivo ao consumo, divulgados amplamente como equivalentes ao desenvolvimento socioeconômico.

É importante ressaltar que nesse tempo existiu uma grande divergência de posições e tratamento das questões nacionais, enriquecendo significativamente os objetivos dessa pesquisa.

Já de início, percebe-se na postura da revista *Veja* uma tentativa de pregar o ideal modernizador. É o caso do artigo escrito pelo economista Roberto Campos, em 13 de maio de 1998, destacando a importância da modernização como solução, “se quisermos escapar da mediocridade”. A proposta de Schramm (1970) de tentativa de criar um ciclo virtuoso entre o ideal modernizador, a urbanização, a cultura e o crescimento dos meios de comunicação para gerar maior desenvolvimento tecnológico e industrial torna-se evidente nas matérias citadas da revista *Veja*, que se entende na função de multiplicadora do desenvolvimento.

No entanto, esse mesmo ideal modernizador é criticado por José Marques de Melo. Em razão de o modelo de referência ociden-

tal basear-se em fatores econômicos de capital e tecnologia, mas não disponíveis de forma imediata nos países em desenvolvimento, o autor critica a ideia de que a solução estaria no pedido de ajuda aos países desenvolvidos. Com isso, “o desenvolvimento parece resumir-se a um simples fenômeno de aumento de produção, sem quaisquer outras implicações de natureza sociocultural” (1976:21).

Canclini (2008) descreve o perfil específico da modernização na América Latina principalmente através dos cruzamentos entre o tradicional e o moderno, presentes não só nas instituições e setores hegemônicos, mas também na reestruturação econômica e simbólica. Por isso, segundo o autor, é preciso pensar numa interpretação mais plausível sobre as contradições e fracassos da modernização latino-americana.

Ou seja, mais do que a consequência de uma força dominadora que substitui o tradicional e o típico, a modernização do continente é entendida pelo autor como forma alternativa de renovação com que os mais diversos setores se encarregam da heterogeneidade (Canclini, 2008:76).

A revista *Carta Capital* demonstra a mesma postura crítica. Por exemplo, no seu editorial da edição de 22 de janeiro de 1997, Mino Carta relacionou a necessidade de desvalorização do Real e o aumento da credibilidade da política econômica nacional, e se perguntou: “Quem começou a modernização do Brasil, tem de concluí-la e, portanto, precisa de mais quatro anos de mandato. Que modernização? De que mirabolantes planos de resgate estamos falando?” (p. 4).

Não se poderia responder que seria então a modernização proposta pelo economista Celso Furtado (1974), para quem teria sido um processo de adoção de padrões de consumo sofisticados sem o correspondente processo de acumulação de capital e progresso nos métodos produtivos? Acarretando, como consequência, uma pressão para adoção de novos padrões de consumo?

A mesma avaliação pessimista aparece nos artigos de Belluzzo de 10 e 24 de junho

de 1997, quando o economista alertou para a turbulência cambial iminente, mas negada pelo governo sob “o consolo do crescimento ou a ilusão do progresso” (p. 53). Em “Na contramão da história”, ironizou a mudança de direção da política econômica brasileira de busca pela modernização: “nesse ponto da caminhada para o progresso, a retórica indulgente e autocongratatória engasgou-se na desconfiança dos cidadãos e, pior, na deserção dos eleitores” (24 de junho de 1997:54).

Pode-se concluir com a afirmação de Santos (2001) de que a industrialização e o crescimento econômico não são necessariamente o motor do progresso. O autor explica que tais formas são incapazes de ver sua relação com a degradação da natureza e da sociedade, além de afirmar que para a maior parte da humanidade, a industrialização e o crescimento econômico não trouxeram o desenvolvimento.

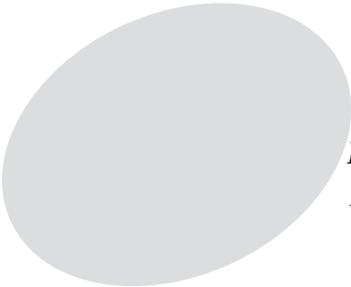
Em termos de “exaltação do estrangeiro”, pode-se pensar que seu maior exemplo está principalmente no conteúdo jornalístico que se propõe a elogiar tudo o que vem de fora como melhor, produtos, ideias, culturas e processos. As classificações de mundo utilizadas de primeiro e terceiro mundo, ou países em desenvolvimento e países desenvolvidos, já implicam uma ordem, uma primazia, etapas a serem seguidas.

Santos (2001) faz da exaltação do estrangeiro uma extensão da denúncia da existência de um paradigma único de conhecimento, que tem como consequência a negação de outras formas de conhecimento. Quando na revista *Veja* o jornalista Ricardo Grinbaum (“O brasileiro segundo ele mesmo”, 10 de janeiro de 1996) descreveu o povo brasileiro como esforçado, sério, honesto e otimista acerca do futuro do país, imediatamente o opôs à realidade européia no seguinte enunciado:

Nos aeroportos do Primeiro Mundo, os turistas brasileiros passaram a ser barrados, interrogados e devolvidos ao Brasil (...) Mas há um ano a inflação está baixa, a economia cresce há três e as pessoas tiveram uma folga na carteira para comprar mais comida e

eletrodomésticos e isso teria efeito sobre a confiança no futuro, num nível semelhante de felicidade ao da França (p. 53).

Em sua coluna na *Carta Capital*, Belluzo repreendeu exatamente esse costume, ironizando as propagandas da reeleição do governo:



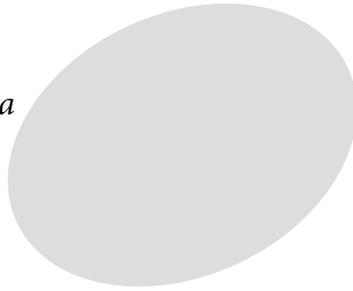
A industrialização e o crescimento econômico não são o motor do progresso, pois são incapazes de ver sua relação com a degradação da natureza e do homem

Vou sentir saudades daquelas professorinhas tucanas, todas as noites falando aos telespectadores das vantagens da reeleição. Eram mocinhas distintas. Notava-se pela combinação discreta de tons de cinza e creme das saias e blusas, compostas e comportadas. A discrição dos trajés fazia par com a sobriedade das palavras. Uma ensinava: a reeleição é a norma dos países adiantados. França, Estados Unidos, etc... Mas é certo que para barrar este tropel de delinquentes estarão alertas das forças do bem: esquerdistas modernizados, internacional-globalizantes, direitistas lúcidos e dinâmicos, jornalistas atentos às novas oportunidades de um mundo em transformação (“Mao e a bandeira nacional”, 5 de fevereiro de 1997:70).

Lopes (2005) entende que a elite intelectual deveria atuar como agente de mudança, mas acaba sempre adotando um papel conservador. Atua, dessa forma, principalmente como agente de assimilação e readaptação do que é expandido dos países centrais. A forma segundo a qual jornalistas (entendidos como integrantes da elite intelectual) descrevem a própria cultura do país revela uma dependência voluntária, que parece ser uma escolha de seguir o caminho de uma cultura que é considerada desenvolvida.

O discurso do presidente Fernando Henrique demonstrou a mesma atitude, embora dessa vez tenha sido criticada pela revista *Veja*. Em 24 de julho de 1996, na matéria “Jecentrismo globalizado” o jornalista Mario Sabino reproduziu a fala do presidente ressaltando seu caráter pejorativo: “Depois de di-

A presença e a ênfase nas novas tecnologias não é simplesmente uma questão de atuação das transnacionais, mas sim uma nova configuração cultural



zer que o Brasil é um país provinciano, como os Estados Unidos (olha a comparação), ele partiu para a globalização pesada: Como vivi fora do Brasil durante muitos anos, dei conta disso. Os brasileiros são caipiras, desconhecem o outro lado e, quando conhecem, se encantam. O problema é esse” (p. 101).

A revista *Veja* também se mostrou de certa forma ofendida quando os parques temáticos norte-americanos da Disney fizeram uma campanha de boas maneiras para “brasileiros mal-educados e barulhentos”. A reportagem indicava indignação em relação à atitude dos parques, ainda mais em função do crescente número de turistas brasileiros. Concluía que eram criticados apenas por terem costumes diferentes (“Reino Desencantado”, 20 de novembro de 1996).

De forma inconsciente, a revista tomava consciência da heterogeneidade do país em relação a outras culturas. Algo que Rotker (1992) define como ausência de discursos hegemônicos na América Latina. A autora destaca que há, no continente, uma heterogeneidade de discursos, mesmo que dentro da classe dominante.

Mais exclusivamente com foco na tecnologia, Martín-Barbero (2002), fez uma crítica à

não contemporaneidade entre as tecnologias e seus usos – identificada pelo autor como sinal de esquizofrenia entre contextos de produção e consumo, como se a modernização criasse um processo de simulação generalizada de informatização como novo equivalente geral, como novo valor tanto da econômica política quanto da economia cultural.

Furtado descreveu o mesmo fenômeno como um problema que consiste em que a “tecnologia incorporada aos equipamentos importados não se relaciona com o nível de acumulação de capital alcançado pelo país e sim com o perfil da demanda do setor modernizado da sociedade” (1974:81-82).

Isso significa, para a análise do conteúdo das revistas, pensar que a presença e ênfase nas novas tecnologias não é simplesmente uma questão de atuação das transnacionais, mas sim uma nova configuração cultural. Perceptível pelo fato de que ambas as revistas possuíam seções específicas e fixas para informarem seus leitores das novidades tecnológicas recém-chegadas. A *Carta Capital* com “Prazer de ponta” e a *Veja* com “Hipertexto”, onde apresentavam principalmente novos produtos como DVDs, CD players, *paggers*, computadores e laptops, primeiros modelos de celular e com internet, *webcams*, alguns carros e agendas eletrônicas.

Conforme o foco da *Carta Capital* no período analisado, de ênfase na economia e perspectiva empresarial, seus principais discursos sobre a tecnologia discutiam seu impacto econômico nas organizações. Em 24 de julho de 1996, na matéria “BM&F investe US\$20 milhões e entra na era da informática” foi apresentado o crescimento no investimento em automação dos sistemas de bolsa de valores, com novos computadores fabricados em Curitiba. Para justificar a importância dos novos recursos a reportagem recorreu a uma fonte da bolsa de Nova Iorque que dizia que “sem essa tecnologia seria impensável operar com qualidade num futuro próximo”.

De uma forma geral, a tecnologia era vista, mesmo numa revista crítica como a *Carta*

Capital, como uma novidade positiva, sem que fossem percebidas muitas das contradições que representavam suas expectativas de modernização do país. Pode-se aplicar aqui a crítica de Martín-Barbero sobre o fetichismo das novas tecnologias, convertidas em estrelas do novo mundo. Como diz o autor, “enganosa contemporaneidade, porém, uma vez que encobre a não-contemporaneidade entre objetos e práticas, entre tecnologias e usos, impedindo-nos assim de compreender os sentidos que sua apropriação adquire historicamente” (1997:256).

Tal percepção de Martín-Barbero pode ser ainda mais aplicada quando se passa para a análise do conteúdo publicado pela revista *Veja*. Na matéria com o sugestivo título “O Brasil está à venda”, a repórter Eliana Simonetti cobriu a entrada de empresas estrangeiras no país no contexto de globalização, principalmente mediante a compra de outras empresas nacionais que estariam quebradas. Explica:

O que aconteceu foi uma exposição completa da economia brasileira à economia mundial. Há seis anos, o Brasil era fechado, vivendo sob uma carapaça de tatu. Transformou-se num país com um grau de abertura razoável. O resultado é que todos os vícios acumulados durante os anos de fechamento enfraqueceram muitas indústrias. Outras perceberam que, sem sócio estrangeiro, capital barato, tecnologia moderna (e cara) e conexões internacionais não dava para sobreviver (29 de maio de 1996:35).

É possível observar como o texto exaltou a capacidade da globalização (“abertura”) de corrigir os erros (“vícios”) da economia brasileira. Pela explicação, apenas a entrada de outras empresas estrangeiras, associadas ao que é moderno e tecnológico, permitiria a sobrevivência nacional. Na contra-mão da advertência de Martín-Barbero (1997; 2002), para quem as tecnologias são ferramentas, formas de materialização da racionalidade de certa cultura e de um modelo global de organização de poder, no texto de Simonetti elas representariam a sobrevivência em si.

O ideal do futuro fica evidente na matéria “A casa do amanhã já chegou” (14 de janeiro de 1998). Santos adverte que ao se pensar no curto prazo, o tempo se torna uma repetição automática e infinita, e o futuro torna-se o progresso: “Comum às diferentes teorias da história foi a desvalorização do passado e o hipostasiar do futuro. O passado foi visto como consumado e, portanto, como incapaz de fazer a sua aparição, de irromper no presente. Pelo contrário, o poder de revelação e de fulguração foi todo transposto para o futuro” (2006:52).

Pode-se concluir que, quando se discute a percepção da tecnologia, Martín-Barbero (2002) tinha razão ao pensar que a crise do nacional acelerada pela transnacionalização tecnológica tinha traços muito característicos na América Latina e, no caso, estendíveis ao Brasil. A proposta de nacionalidade focada na inovação tecnológica contínua acaba por transformar todos os problemas sociais em técnicos, para os quais só existem as soluções técnico-científicas. O resultado, adverte o autor, cria uma uniformização dos modos de conceber e organizar a sociedade, o que se pode pensar, através das matérias analisadas, que é o objetivo da revista *Veja*.

● Considerações Finais

Como discutido, a comunicação latino-americana possui especificidades complexas, e por isso também clama por um modelo alternativo, capaz de superar a relação contraditória entre o consumo de tecnologias produzidas em outros contextos e sua capacidade de assimilação na América Latina. Nesse sentido, surge o interesse em se entender como as revistas escolhidas para análise, a *Carta Capital* e a *Veja*, discutiram temas importantes como a modernização e o progresso do país, a ênfase na tecnologia e a exaltação da cultura estrangeira.

A partir disso foi possível perceber diferentes tratamentos e posturas. Enquanto a *Carta Capital* apresentava críticas ao paradigma econômico vigente do neoliberalis-

mo, a revista *Veja* apresentou matérias que exaltavam a vida nos chamados “países de primeiro mundo”, as teorias exógenas que deram suporte à política econômica do então governo e a importância da globalização como mecanismo de potencializar a competitividade brasileira.

Quanto ao aspecto das novas tecnologias, tanto *Carta Capital* quanto *Veja* (em graus diferentes), ao invés de buscarem posturas alternativas e proporem outras possibilidades para a realidade brasileira, adotaram o ideal modernizador. Cabe aqui fazer uma menção ao contexto atual, no qual é claro que pouco se discute criticamente sobre as

“heranças” do período de abertura econômica e menos ainda se questiona o modelo tecnológico e modernizador, presente não só nos discursos dos meios de comunicação como no pensamento econômico.

Concluindo, Martín-Barbero (2003) destaca que os meios de comunicação, como as revistas *Veja* e *Carta Capital*, também tiveram um efeito positivo no continente, de possibilitar o acesso a outras visões de mundo e costumes. As revistas, talvez mesmo de forma inconsciente, muitas vezes ajudaram a construir uma nova imagem do país, de superação dos problemas econômicos anteriores, num contexto maior de crise mundial.

Referências

- CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 4ª edição, 2008.
- FURTADO, C. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- LOPES, M. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, J. Identidade tecnológica e alteridade cultural. In: FADUL, Anamaria. **Novas tecnologias de comunicação – impactos políticos, culturais e socioeconômicos**. São Paulo: Summus/Intercom, 1986.
- _____. **Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- _____. **Ofício de Cartógrafo**. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- _____. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, D. (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MELO, J. **Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- PINHEIRO, A. Por entre Mídias e Artes, a Cultura. *Revista Ghrebh*, São Paulo, 2004, n. 6, novembro. Disponível em: <http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh6/artigos/06amalio.htm>. Acessado em 25/03/2009.
- ROTKER, S. **Fundación de una escritura – Las crônicas de Jose Martí**. Havana: Casa de las Américas, 1992.
- SANTOS, B. **A crítica da Razão Indolente – contra o desperdício da experiência**. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.
- SCHRAMM, W. **Comunicação de massa e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.